

OS ANTIGOS HABITANTES DA AMADORA

Por Alves Silva

A Amadora foi povoada com que gente? Os nossos cronistas não o dizem. Estou, porém, convencido que tanto para Lisboa como para os seus arrabaldes até Sintra os seus primeiros povoadores teriam sido — até pela relação lógica dos vários factos que a arqueologia tem vindo a demonstrar — os mesmos que, nos tempos remotos, ocuparam toda esta zona.

Ficando livre do jugo sarraceno a cidade de Lisboa e todo o território do seu termo foi objecto de repartição de terras, para com elas se remunerar os conquistadores.

Todos os reis que conquistaram terras aos mouros, ficaram logo sendo Senhores Donatários, por direito de conquista das mesmas terras, os quais as arrendaram ou aforaram. Também lhes punham certos ónus na colheita de frutos, que eram pagos além da renda ou foro, dos quais procederam os «Quartos», «Quintos», «Oitavos» e «Décimas».

Porém, foram os árabes a introduzir novas possibilidades agrícolas no País e, consequentemente, nos sítios da Amadora onde vivia gente humilde do campo, entregue sobretudo à lavoura e à pastorícia.

A cultura do trigo se entregaram estas gentes no princípio da nacionalidade, com abundantes colheitas, com destino à capital e a outras cidades do reino, resolvidas as naturais necessidades do consumo local, que era reduzido, dado ao diminuto número de habitantes.



OCUPAÇÃO ROMANA

Os romanos andaram por estes sítios em 218 a.C. Demoraram dois séculos para os submeterem em lutas constantes. A paz veio em 19 a.C., depois de vencidos os Cântabros e Asturos.

São vários os vestígios romanos no concelho da Amadora, desde a Estação do Moinho do Castelhinho (Falagueira), passando pelo Aquecimento Romano (Mina) à Vila Romana da quinta da Bolacha (Brandoa). Outro dos vestígios a

marcar a passagem dos romanos nesta zona é a exploração mineira da calcedónia (pedra utilizada em Joalheria) como no Burel (e não Borel como se diz).

O sílex era aqui muito abundante, existindo vestígios pré-históricos, do Paleolítico, do neolítico e do calcolítico.

«Entre o Poço do Chão e a Falagueira, passando pela Quinta da Correia, e já entrando por Carnide, em velhos alfarrábios, era denominada por «Canos», talvez por nesta zona terem sido descober-

tos pequenos aquetudos antigos, canalizações romanas ou árabes».

Num documento do Convento de Chelas, que foi proprietário de algumas destas terras, pode ler-se, relativamente ao Título dos Canos:

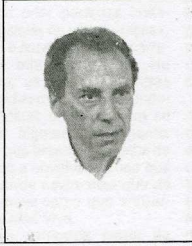
«A molher de Lopo Simões traz uma courella de vinho e azeite. O quinhão do lagar que está ao Espongeiro traz Joam Fernandez de Calharyz que parte do aguião ao longo da estrada na do Correa (sic) e do vendaval com outro qui-

(continua na página 2)

OS ANTIGOS HABITANTES DA AMADORA

(continuação da página 1)

Por Alves Silva



nhão da quinta e entesta com o caminho de Bemfica e da travessia com courella de Luys de Bryto. O olival trá-lo Eytor Andre e a vinha Bastiam Fernandez morador em Lisboa».

Estas terras só passaram ao Convento de Chelas por morte de Urraca Martins Machado, falecida em 1325, proprietária das terras de Carmide e arredores, nomeadamente Feiteira, Fonte, Várzea, Corredoira e Cano. Foi freira daquele mosteiro, e andou em demanda com seu irmão João Martins Machado por causa das partilhas aquando da morte de seu pai, Gonçalo Martim Gonçalves Machado.

O Título dos Canos era o nome de uma região entre a Estrada do Poço do Chão e a Estrada que ia de São Lourenço para a Falagueira, passando pela Quinta da Correia.

A Barragem Romana é um dos valiosos testemunhos. Está entre Caneças e Carenque e a estrada a unir estas duas localidades passa por cima da muralha. Da albufeira saía um aqueduto a levar a água até à porta de Santo André, em Lisboa, ao cimo da calçada dos cavaleiros. Do que resta da barragem tem oito metros de altura e cinco de espessura e por ela atravessa o actual Aqueduto das Águas Livres, que viria a substituir o romano.

RESUMO DAS VÁRIAS «ESTAÇÕES»

Do período Paleolítico existem vestígios em quase toda esta localidade, sendo os achados bastante importantes, em especial a «Estação arqueológica» do Casal da Serra, na freguesia da Venteira, e no Burel. As freguesias de Alfragide e Buraca terão, porém, a maior parte desses vestígios.

Já no período Neolítico existem menos justificativos; mesmo assim, a sua passagem está marcada nas ruínas de vários povoados, com maior incidência na freguesia da Mina, Vila Chã, nos Moinhos do Penedo e na Espargueira, admitindo-se terem chegado à idade do Bronze.

As Grutas Artificiais de Vila Chã são dessa época, tendo sido encontradas em 1932, e serviam de sepulturas colectivas na forma de uma câmara mortuária circular, iluminada por uma clarabóia. O acesso resume-se a uma estreita galeria.

No respeitante ao «Calcolítico» as estações descobertas situam-

-se na Quinta de Alfragide, Buraca, Moinhos da Atalaia, Bairro Janeiro e a norte de Vila Chã.

Da idade do «Bronze», foram encontrados objectos nas estações já referidas e também no Casal de São Brás.

As «estações» de Vila Chã e Moinhos da Atalaia continuam pela idade do Ferro e outros vestígios vão sendo encontrados no Moinho do Castelinho, em Alfragide, Falagueira e Quinta da Bolacha.

Os romanos estiveram em São Brás, Moinho do Castelinho e deixaram as ruínas de um aqueduto, talvez do século III, ao longo da actual freguesia da Mina e Queluz.

A primeira vida das terras da Amadora deve ter começado aqui. No chão das casas desaparecidas podem ainda estar encobertos fragmentos de várias épocas, com maior incidência nas romanas e árabes.

Alguns sinais visíveis de antigos espaços habitados têm vindo a ser encontrados pelos arqueólogos. Outros haverá com certeza dada a importância deste núcleo rural com uma privilegiada situação geográfica entre Lisboa, Sintra, Mafra, Belas e Queluz.

Quanto às grutas artificiais de Vila Chã (mais conhecidas por Grutas de Carenque) este local não teria sido somente espaço de enterramento, mas provavelmente e também espaço de culto e até de defesa. Reforça esta última possibilidade a circunstância do local se situar num ponto pouco vulnerável e, por estar num alto, servir de atalaia à população que, há cinco mil anos, povoava este lugar. A existência de vivência doméstica é inquestionável, pois os factores económicos dos campos de boa sementeira e muita caça, para além da abundância de água, atraíram, desde tempos imemoriais, a fixação de gentes.

Continua

ti
D
d
z
fr
S
d
d
-l
S
p
a
ti
c
p
n
d
e
c
e